

**FACULDADE DE TECNOLOGIA DE SÃO CARLOS  
BRUNA PEDEZZI**

**MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO:  
UM ESTUDO DE MÚLTIPLOS CASOS COM MULHERES EMPREENDEDORAS**

**São Carlos  
2020**

**BRUNA PEDEZZI**

**MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO:  
UM ESTUDO DE MÚLTIPLOS CASOS COM MULHERES EMPREENDEDORAS**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Empresarial, pelo Curso de Tecnologia em Gestão Empresarial da Faculdade de Tecnologia de São Carlos do Centro Paula Souza.

**Orientadora: Prof. Me. Lilian Segnini Rodrigues**

**São Carlos  
2020**

## MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO DE MÚLTIPLOS CASOS COM MULHERES EMPREENDEDORAS

Bruna Peduzzi<sup>1</sup>  
Lilian Segnini Rodrigues<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar como as mulheres empreendedoras lidam com a família, os problemas e as demandas profissionais do mercado e quais as dificuldades que elas enfrentam nesse processo, fazendo ainda uma diferenciação entre aquelas que não são mães e aquelas que são. Para tanto, foi aplicado um questionário a mulheres empreendedoras da cidade de São Carlos. Parte-se da hipótese de que é possível ser mãe e, paralelamente, lidar com sua vida pessoal, sua família e seu negócio, porém, o esforço que a mulher terá que fazer para isso é muito grande. O questionário foi enviado de forma online para as empreendedoras e obteve 35 respostas. Conclui-se que os desafios que as mulheres enfrentam são grandes e um deles é o fato delas terem que conciliar todas as demandas familiares com as profissionais. A hipótese previamente levantada foi confirmada.

**Palavras-chave:** Mulheres. Empreendedoras. Mãe.

**Abstract:** This paper aims to analyze how women entrepreneurs deal with their families, the problems and professional demands of the market and what difficulties they face in this process, making a differentiation between those who are not mothers and those who are. To this end, a questionnaire was applied to women entrepreneurs in the city of São Carlos. It starts from the hypothesis that it is possible to be a mother and, at the same time, deal with her personal life, her family and her business, however, the effort that the woman will have to make for this is very great. The questionnaire was sent online to the women entrepreneurs and obtained 35 responses. It is concluded that the challenges that women face are great and one of them is the fact that they have to reconcile all family demands with professionals. The previously raised hypothesis was confirmed.

**Keywords:** Women. Entrepreneurs. Mom.

---

<sup>1</sup> Graduanda no Curso de Tecnologia em Gestão Empresarial da Faculdade de Tecnologia de São Carlos - FATEC São Carlos. E-mail: [brubspeduzzi1@gmail.com](mailto:brubspeduzzi1@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP Araraquara. Mestre em Gestão de Organizações e Sistemas Públicos pela Universidade Federal de São Carlos. Docente da Faculdade de Tecnologia de São Carlos - FATEC São Carlos. E-mail: [lilian.rodrigues01@fatec.sp.gov.br](mailto:lilian.rodrigues01@fatec.sp.gov.br).

## 1. INTRODUÇÃO

Desde na Idade Média, as mulheres vêm lutando para ocupar lutar por uma posição social e cargos mais elevados no mercado de trabalho. A elas não cabia o direito de trabalhar fora, principalmente se fosse para ganhar dinheiro, tampouco contavam com o direito de participar das decisões sociais, pois somente o homem era o provedor do lar. O direito do voto foi conquistado somente em 1934, e dando início também as decisões sociais. A partir desse direito adquirido, um universo totalmente novo se iniciou para elas, que precisaram tomar a frente, deixando seus filhos e maridos em casa para dar continuidade ao trabalho que antes era realizado apenas pelos seus maridos.

Com o passar do tempo, a mulher conquista cada vez mais o seu espaço no mercado de trabalho. O seu empoderamento no mundo dos negócios torna-se notório devido à competência, luta e força feminina para se inserir no mundo do empreendedorismo. No ano de 2003, somente 37,7% das mulheres brasileiras exerciam alguma atividade remunerada, comparando com os homens que tinham o total de 62,4%, era a minoria das mulheres que estavam engajadas com a carteira assinada no Brasil (IBGE, 2012).

Segundo dados do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2018), do total de empreendedores no Brasil, 48,7% são mulheres. Uma pesquisa do GEM (2012) revela que a maioria das empreendedoras era guiada por uma oportunidade de mercado (73,9%) e não por necessidade.

Apesar das mulheres estarem ocupando cada vez mais o seu espaço no empreendedorismo, são evidentes as barreiras impostas a elas. Gomes (2005) trata essas barreiras como culturais, por exemplo, na Alemanha, não é comum o homem ficar em segundo plano na família; na Suíça existe uma norma cultural onde a mulher que trabalha fora mostra que o homem não é capaz do provimento do sustento da família; na Itália as mulheres abandonam seus empregos por causa do casamento; e em Portugal a cultura é que se casem e exerçam o papel de mães. Para Gomes (2004) a mulher que trabalha fora tem dificuldade em conciliar o tempo entre: família, casa e filhos, sendo que essa dificuldade não se apresenta ao mundo masculino.

Portanto, a relevância do tema e a necessidade de manter aceso o debate acerca da conquista das mulheres, apesar das dificuldades ainda inerentes a essas conquistas, justifica o desenvolvimento desse trabalho.

Diante desse contexto, o objetivo deste artigo é analisar como as mulheres empreendedoras lidam com a família, os problemas e as demandas profissionais do mercado e quais as dificuldades que elas enfrentam nesse processo, fazendo ainda uma diferenciação entre aquelas que não são mães e aquelas que são. Para tanto, foi aplicado um questionário a várias mulheres empreendedoras da cidade de São Carlos.

Parte-se da hipótese de que é possível ser mãe e, paralelamente, lidar com sua vida pessoal, sua família e seu negócio, porém, o esforço que a mulher terá que fazer para isso é muito grande.

O artigo está estruturado em cinco seções, sendo essa introdução a sua primeira seção. Na sequência estão o (2) Referencial Teórico, a (3) Metodologia, a (4) Apresentação e Análise dos Resultados e as (5) Considerações Finais.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

Na Idade Média, as mulheres tinham seu papel definido e sua presença era somente no espaço doméstico. De acordo com Macedo (2002), a mulher tinha como símbolo a roca, representando o isolamento, e o homem tinha como símbolo a espada, representando as tarefas no campo. Macedo (2002) afirma que se o valor do dote colocasse em perigo a estabilidade financeira da família, essas mulheres eram levadas a mosteiros para tornarem-se freiras.

Segundo uma pesquisa de Moreira (2005), na Era Medieval, tanto na realeza quanto nos campos, nos momentos em que os homens da família se ausentavam, as mulheres eram obrigadas a tomarem conta da administração das terras. Todavia, este fato ocorria apenas, quando eles iam às guerras ou se ausentavam por viagens, deste modo, ao retornarem destas viagens, as mulheres reassumiam seu antigo posto. Na área rural, além de ajudarem o marido no campo, elas ainda serviam na casa do senhor. Existiam também as criadas semilivres, na qual faziam os serviços domésticos e eram nativas de famílias pobres das redondezas e nem sempre eram remuneradas monetariamente. Existiam, também, as mulheres artesãs, que tiveram um importante papel na economia urbana medieval, pois executavam fiação da seda, tecidos de lã ou chapéus, além disso, tosavam, penteavam, cardavam e retiravam as irregularidades dos tecidos.

De acordo com Moreira (2005), na chegada dos portugueses ao Brasil eles notaram que as índias tinham cuidados com o corpo, com os filhos e ainda cuidavam de suas respectivas casas. Quando houve a descoberta das minas de ouro, as mulheres assumiram a responsabilidade de cuidar dos filhos e da casa e algumas fabricavam doces e vendiam na rua. Em 1808, com a vinda da Família Real às terras brasileiras, o cenário começou a mudar, dando espaço para as mulheres frequentarem teatros, festas e recepções da família real, mesmo que sempre acompanhadas. No início do século XX, aumentou a quantidade de oportunidades de trabalhos assalariados voltado para as mulheres, e com isso houve a necessidade de creches, para que as mães deixassem seus filhos nos momentos em que elas estivessem trabalhando. Durante a Era Vargas, exatamente em 1934, foi dado às mulheres o direito ao voto, mostrando à sociedade um avanço na igualdade de gêneros e que a partir de então, elas começariam a fazer parte das decisões sociais exercendo a sua cidadania.

Desde os tempos remotos o discurso era 'lugar de mulher é em casa', sendo consideradas menos capazes que os homens. Com a Revolução Industrial o número de mulheres empregadas aumentou consideravelmente, pois, segundo Rodrigues et al. (2015), as fábricas precisavam de mão de obra e precisava ser barata, então as mulheres tiveram a oportunidade de se inserir no mercado de trabalho. Em 1861, as mulheres já eram a maioria das funcionárias, representando 51% dos operários. Porém, elas eram vistas como "dóceis" e fáceis de manipular.

Em 1980, as mulheres ganharam mais evidência por conta do surgimento da Comissão Nacional da Mulher Trabalhadora, na Central Única dos Trabalhadores (CUT). Amorim e Batista (2012, p. 4) comentam essa quebra de tabu, afirmando que "a cada geração, novos padrões de comportamento vão se tornando aceitáveis. A sociedade evolui e com isso diminuem as diferenças entre o que as mulheres podem fazer e o que está reservado aos homens".

Atualmente, existem assimetrias de oportunidades salariais e, para justificar a desigualdade entre homens e mulheres, por inúmeros anos a sociedade usava o argumento da diferença biológica, inclusive no cenário do trabalho, porém, Oliveira (1997, p. 11), em seus estudos, constatou que "o funcionamento do cérebro desvendado agora não indica, em nenhum momento, que as características masculinas são melhores e as femininas piores. Eles têm habilidades diversas".

Segundo Proni e Proni (2018), por mais que a divisão sexual no trabalho esteja mudando e as mulheres ocupem cargos elevados, a diferença salarial ainda existe. As mulheres vivenciam um fenômeno chamado “teto de vidro”, que é uma barreira invisível, por mais que seja sutil, é ao mesmo tempo forte, onde elas enfrentam obstáculos diferentes para a ascensão de cargos e salários. Essas barreiras são bem claras, mostrando o preconceito social contra a mulher. Para Lima et al. (2013) esse fator do preconceito é marcante quando se trata de incluir as mulheres nas decisões organizacionais, pois existe uma cultura patriarcal onde os interesses masculinos são dominados.

Para Santos, Tanure e Neto (2014) existem duas vertentes (modelos) que explicam esse fenômeno que enfatiza a discriminação. Um modelo é quando o empregador prefere contratar um homem. O outro modelo é a discriminação estatística, que supõe que existe uma marca onde a produtividade da mulher é menor que a do homem. E, apesar do avanço que temos nos dias de hoje, onde a mulher passa a ocupar cada vez mais cargos elevados, o equilíbrio está longe.

Foi constatado, segundo uma pesquisa do GEM (2016), que as mulheres começam a empreender mais por necessidade do que por uma oportunidade. Intensificando o fato delas não acharem uma oportunidade melhor no mercado de trabalho ou precisarem complementar sua renda.

De acordo com o relatório do Empreendedorismo no Brasil 2010 - GEM (2010 p. 45) nos mostra a real situação do empreendedorismo feminino no Brasil.

As mulheres investem no empreendedorismo pela mesma razão que os homens, ou seja, visando o sustento de si mesmas e de suas famílias, o enriquecimento de suas vidas com uma carreira e pela independência financeira. É importante ressaltar o fato que a participação feminina no empreendedorismo varia de maneira significativa no mundo, porém geralmente é inferior à masculina.

A mulher empreendedora ela se auto desafia todos os dias, seja por situações incomodas, seja por arrumar tempo para a família ou até mesmo manter seu negócio.

Embora seja de senso comum a afirmação de que a vida pessoal pode interferir na vida profissional, Bartolomé e Evans (2001) afirmam que o trabalho também pode interferir na vida das pessoas. Os autores ainda reforçam que trabalho e vida pessoal podem ser harmoniosas e, para isso, devemos evitar armadilhas como, por exemplo, não deixar que as emoções atrapalhem o trabalho. Para os autores, como as

mulheres têm o dom de conseguir fazer e pensar em várias coisas ao mesmo tempo, para ter uma vida saudável é necessário o equilíbrio, tendo que administrar as dificuldades do dia a dia.

Quental e Wetzel (2002) se dedicaram a estudar e investigar o equilíbrio entre vida profissional e vida pessoal para mulheres empreendedoras brasileiras, abordando aspectos de relacionamento com o companheiro, filhos, pais ou parentes idosos, amigos, cuidados pessoais e lazer. Os autores concluíram que essas mulheres optaram pela atividade empreendedora pela razão da flexibilidade e autonomia, buscando conciliar as demandas familiares com o trabalho. As mulheres tendem a ser muito envolvidas psicologicamente com o trabalho, que gastam horas pensando no sucesso ou fracasso do negócio.

Segundo Vaz e Laimer (2010), ao longo da história, as mulheres diversas vezes foram discriminadas e desprezadas por suas atitudes, todavia elas não desistiram e foram em busca por um espaço no mercado de trabalho e conseguiram alcançar algumas dessas conquistas.

Estudos de Strobino e Teixeira (2013) apontam que ser empreendedora é uma maneira ter um equilíbrio entre trabalho e família, tendo maior controle do tempo. Um estudo de Silva (2006) nos mostra que um novo pai surge com a inserção das mulheres trabalhando. Um pai que quer ser participativo e ao mesmo tempo um executivo de prestígio.

### **3. METODOLOGIA**

Este artigo é classificado como uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa. Com relação aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, pois visa a proporcionar maior familiaridade com o assunto para maior conhecimento ou para construir hipóteses (SOUZA et al., 2013).

O objetivo é analisar como as mulheres empreendedoras lidam com a família, os problemas pessoais e as demandas profissionais do mercado e quais as dificuldades que elas enfrentam nesse processo. Para tanto, foi aplicado um questionário a várias mulheres empreendedoras da cidade de São Carlos e região.

O questionário foi online, através do Google Forms, possui 12 questões e foi enviado a 34 mulheres através de e-mails e redes sociais. Procurou-se abordar questões gerais a todas as mulheres acerca dos desafios inerentes ao

empreendedorismo, ao passo que também é feita perguntas específicas às mulheres que possuem filhos, de modo a permitir uma comparação.

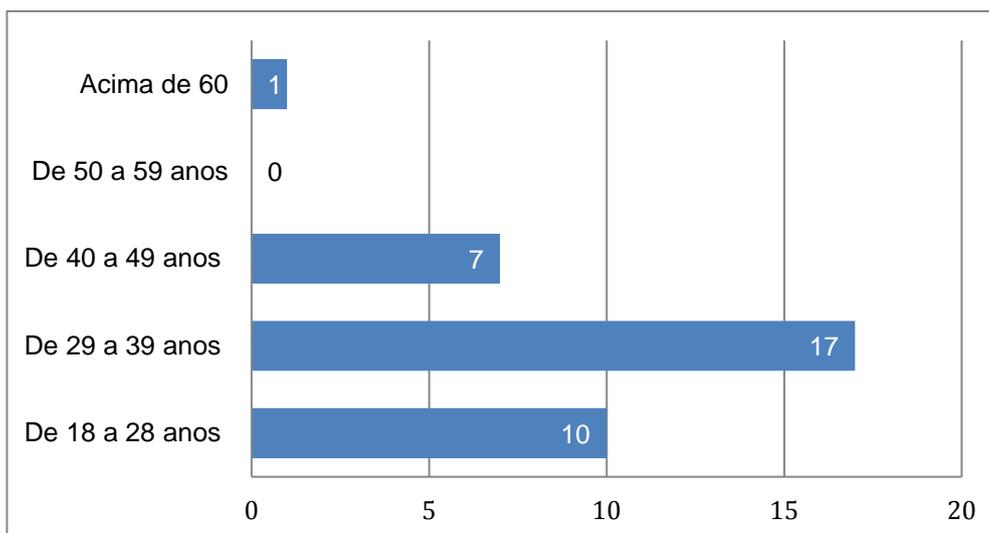
Para a interpretação dos dados, foi utilizado o modelo proposto por Miles e Huberman (1994) de análise na investigação qualitativa. Tal modelo se resume em três momentos: a redução dos dados, a apresentação dos dados e as conclusões.

#### 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

O empreendedorismo no Brasil é bastante desafiador e, em especial para as mulheres, acarreta em dificuldades para além das comuns a todos os(as) empreendedores(as). Essa afirmação, além de ser recorrente na literatura brasileira, foi comprovada também nesta pesquisa, que procurou identificar, através da aplicação de um questionário a 35 mulheres empreendedoras, quais são seus desafios e suas percepções acerca do empreendedorismo e da desvantagem delas em relação aos homens.

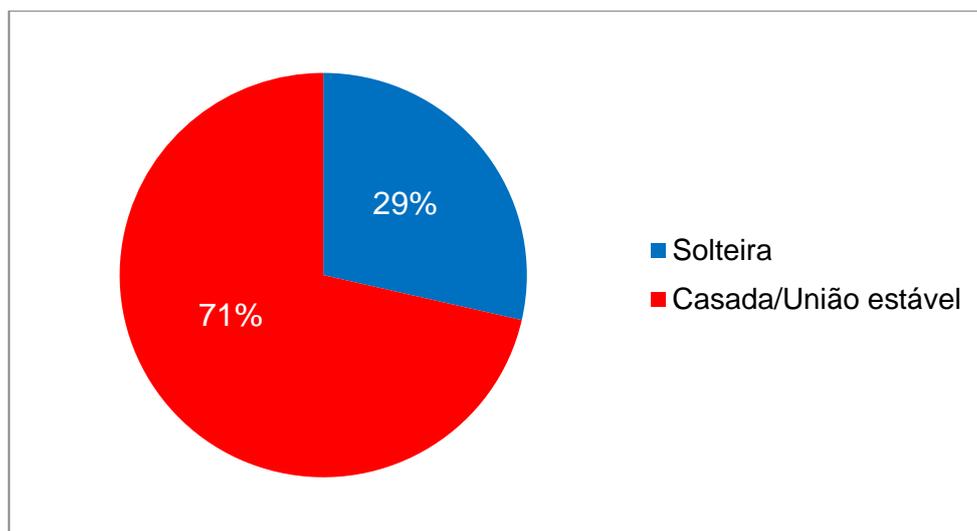
Os Gráficos 1 e 2 trazem uma identificação da amostra do que diz respeito à faixa etária e estado civil.

**Gráfico 1:** Faixa etária da amostra



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

**Gráfico 2:** Estado civil da amostra

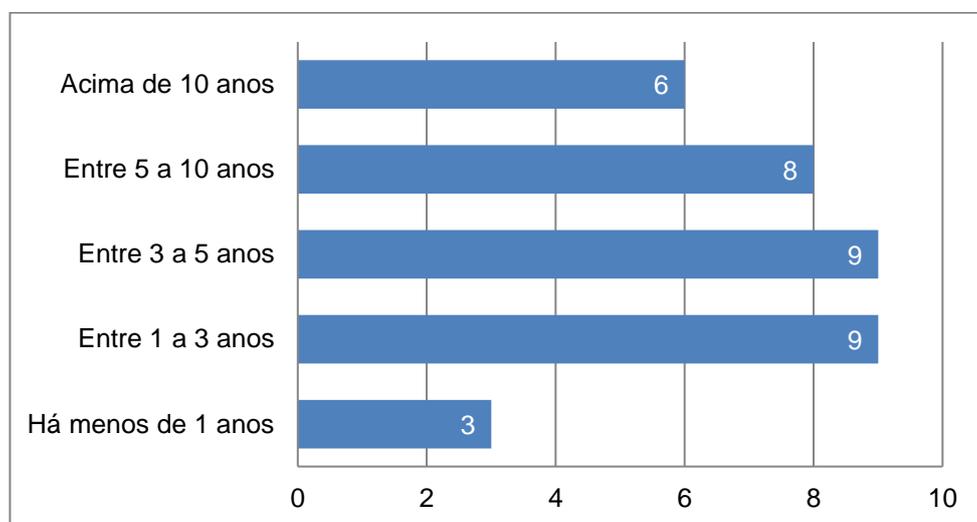


Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Conforme dados dos Gráficos 1 e 2, a maioria das mulheres questionadas está na faixa de 29 a 39 anos (47,1%) e a maioria é casada ou mantém uma união estável (70,6%). Segundo uma pesquisa do SEBRAE 2018 a faixa etária das empreendedoras brasileiras são de 35 a 45 anos e 41% são casadas, mostrando que a amostra das entrevistadas se enquadra nos dados do SEBRAE.

O questionário também abordou o período de tempo em que essas mulheres são empreendedoras, conforme demonstrado no Gráfico 3.

**Gráfico 3:** Tempo (em anos) de empreendedorismo



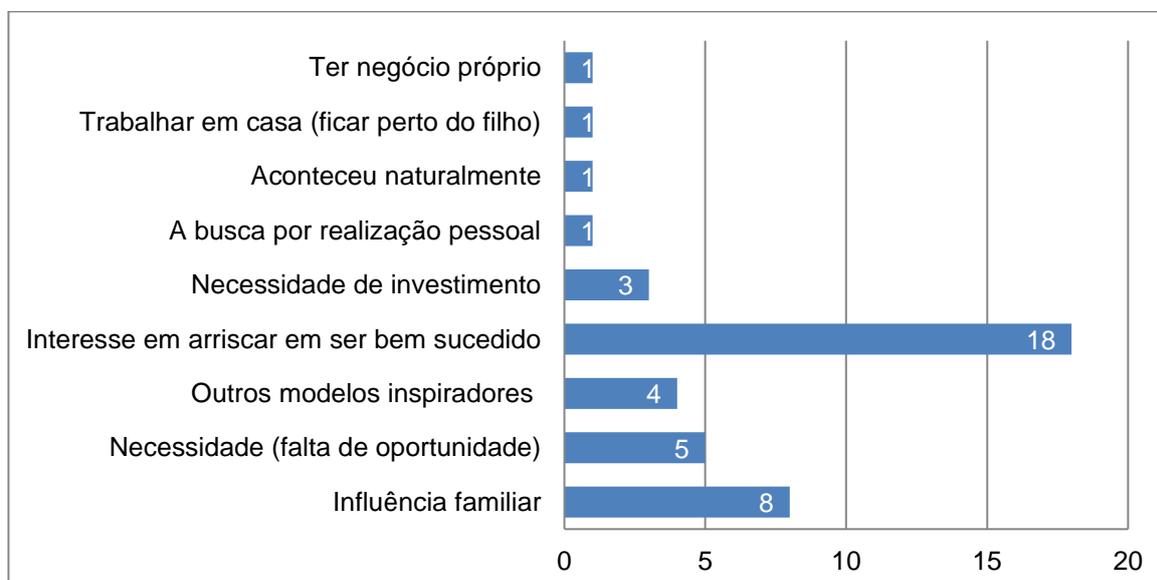
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

É possível observar que a quantidade de anos que essas mulheres são empreendedoras varia bastante. A maioria é empreendedora entre 3 a 5 anos (26,5%) e apenas 8,8% é empreendedora há menos de 1 ano. Assim, podemos afirmar que se trata de uma amostra experiente no empreendedorismo e, a maioria (91,1%) já passou pelo período do primeiro ano. E também a maioria (41,1%) já passou pelo período de 5 anos onde, de acordo com o IBGE (2019), 60% encerram suas atividades. Comparando esses dados com a pesquisa do SEBRAE 2018, 75% das empreendedoras brasileiras estão no ramo há pelo menos 2 anos. As mulheres respondem por 34% dos 27,4 milhões de Donos de Negócio existentes no Brasil.

No questionário foi abordado qual foi a motivação das mulheres para o empreendedorismo. As participantes podiam indicar mais de uma opção. Estes dados são apresentados no Gráfico 4. Através das respostas, chega-se à conclusão que a maioria das mulheres (51,4%) quis arriscar e tentar ser bem sucedida. Percebe-se, também, que 22,9% dessas mulheres é empreendedora por influência da família, e 14,3% é empreendedora por falta de oportunidade.

Estes dados mostram que a maioria das mulheres quer ser reconhecida, ter seu espaço na sociedade e serem bem sucedidas. O que acontece, muitas vezes, é que a sobrecarga de trabalho e outros problemas se tornam grandes desafios para o sucesso de muitas mulheres.

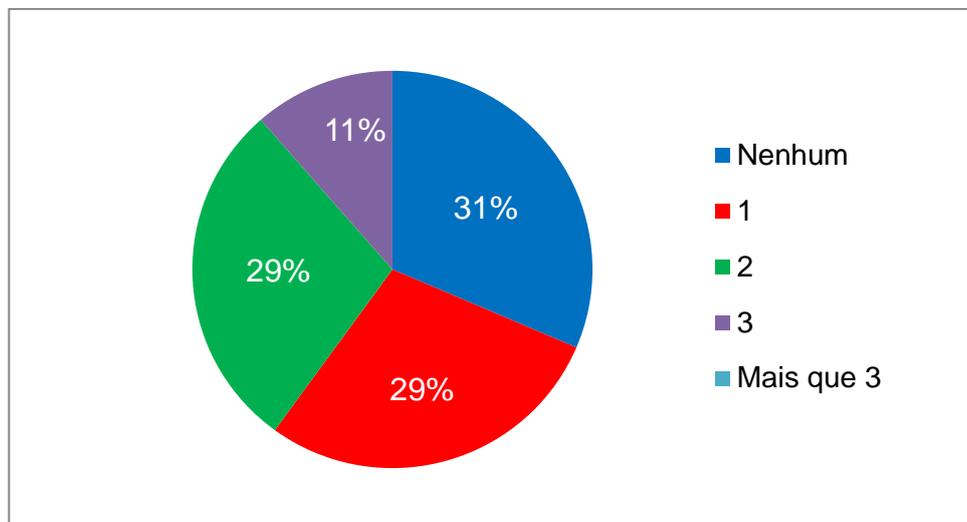
**Gráfico 4:** Motivos que levaram ao empreendedorismo



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A questão 5, representada no Gráfico 5, aborda a questão da maternidade, buscando saber a quantidade de filhos que estas mulheres possuem.

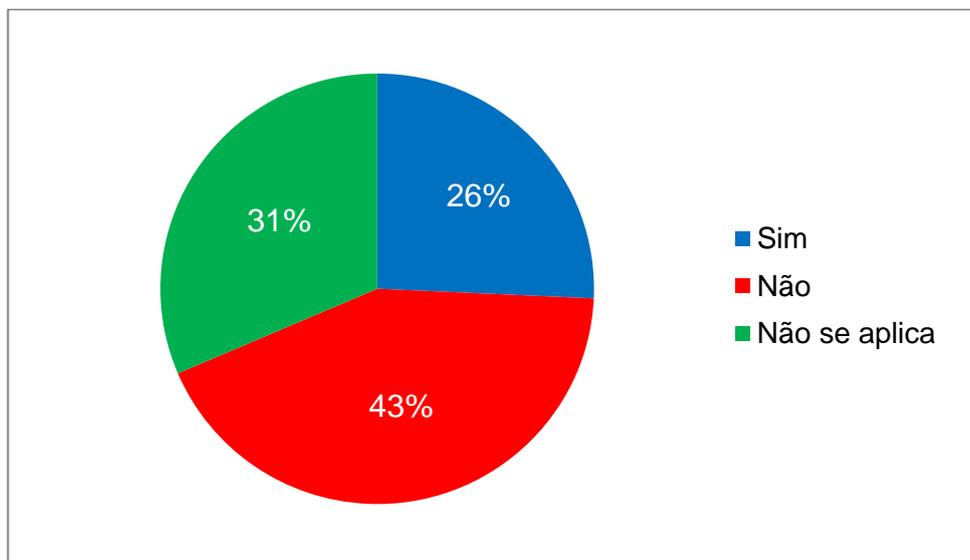
**Gráfico 5:** Quantidade de filhos



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Conforme se pode observar, 26,5% das mulheres empreendedoras têm pelo menos 1 filho e 32,4% não têm nenhum. Segundo pesquisa do SEBRAE (2018), 10% das mulheres empreendedoras tem pelo menos 1 filho. De acordo com Strobino e Teixeira (2014), muitas mulheres optam por não ter filhos para não criarem conflitos entre o trabalho e os filhos.

**Gráfico 6:** Começou empreender antes de ter filho

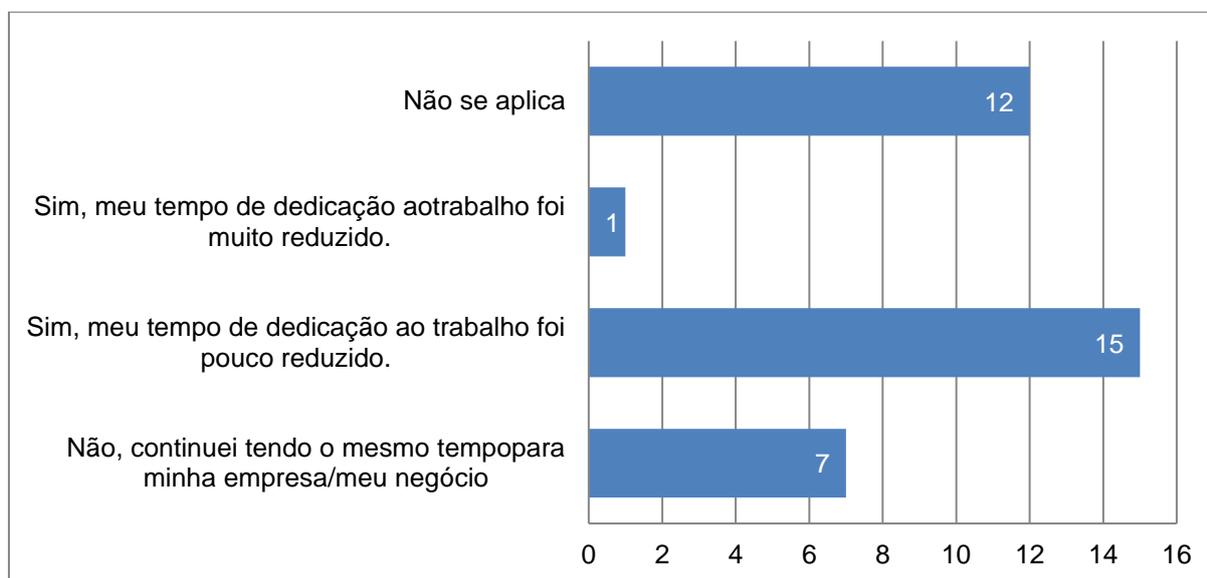


Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Conforme nos mostra os dados do Gráfico 6, a pergunta se refere à quando elas começaram a empreender, buscando entender especificamente se elas começaram a empreender antes de terem o(s) filho(s). Desta forma, 25,7% respondeu que “sim”. Devido a ser um trabalho mais flexível, mas não menos desafiador, algumas mulheres optam por empreender para conseguirem conciliar o trabalho e a família.

Em relação ao Gráfico 7, podemos observar que 42,9% responderam que o tempo de dedicação ao negócio foi reduzido. Isto comprova que é mesmo um desafio para as mulheres conciliar o negócio com a família, e que a dedicação que as mulheres precisam ter para com suas famílias acaba reduzindo o tempo que elas têm para os negócios. Mesmo diante disso, é grande o número de mulheres empreendedoras de sucesso. Como disse Costa (2018), hoje em dia, as mulheres lidam com algo que antes era impossível: multitarefas, sendo mães, esposas, viúvas, conciliando casa com o trabalho.

**Gráfico 7.** Mudança de rotina com a vinda do(s) filho(s)

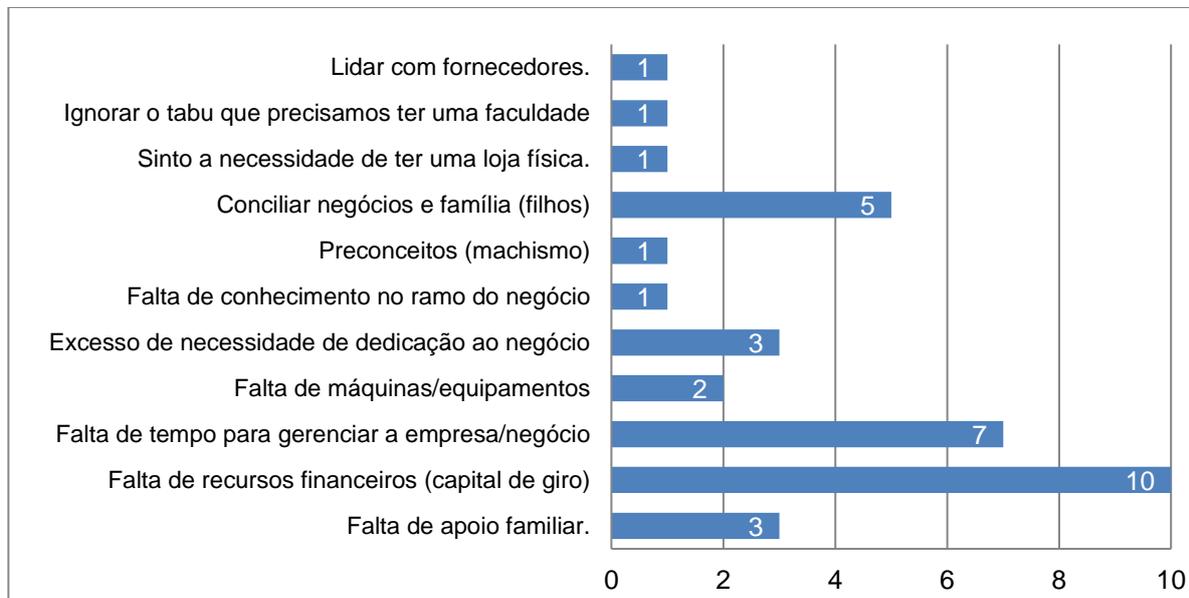


Fonte: Elaborado pela autora (2020)

No Gráfico 8 apresenta-se as razões desafiadoras em relação ao empreendedorismo. Nesta questão elas precisavam escolher apenas uma opção, que consideravam a mais desafiadora. O que mais teve número de respostas é o fato dessas mulheres terem poucos recursos financeiros (28,6%) e, em segundo lugar,

falta de tempo para gerenciar (20%) e em terceiro lugar (14,3%) conciliar o tempo entre família e trabalho.

**Gráfico 8: Razões desafiadoras**



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Em relação à questão anterior, representada no Gráfico 8, foi questionado na sequência (Questão 9) se as participantes teriam algum comentário a fazer sobre as dificuldades enfrentadas para empreender.

As respostas nos leva a crer que são várias as dificuldades, como, por exemplo: administrar o tempo com as necessidades do dia a dia, como família e filhos; a concorrência também é uma preocupação; falta de capital de giro; preconceito por ser mulher; necessidade de ajuda com todas as tarefas da empresa. Abaixo seguem algumas respostas que mais chamam a atenção.

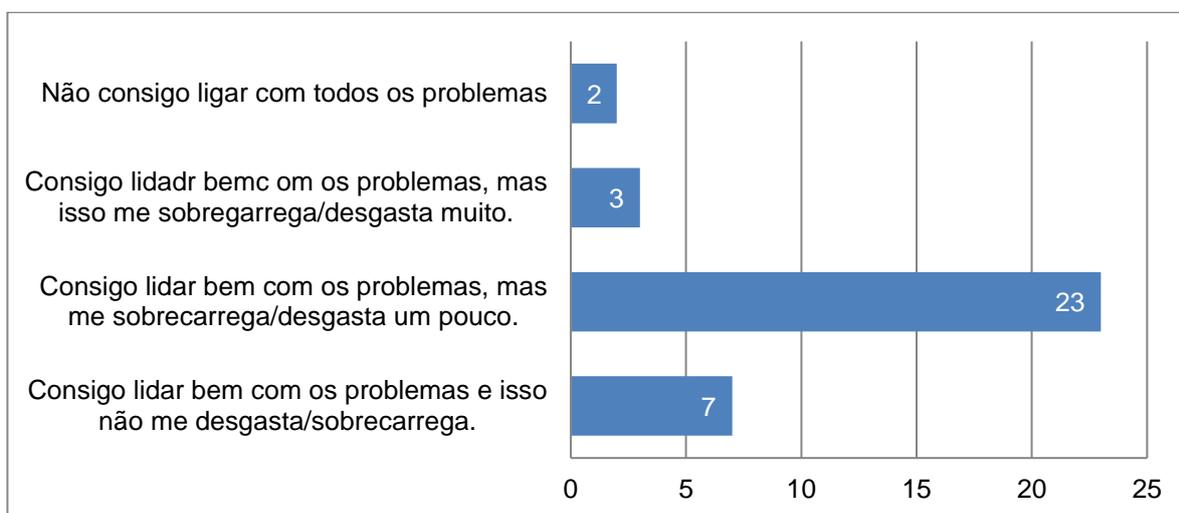
Por ser nova e mulher, muita gente não dá valor, reconhecimento, não acreditou que eu poderia crescer, até hoje as pessoas, principalmente homens e pessoas mais velhas, fazem comentários duvidando de ser tudo mérito meu.

Sou uma empresa "de uma pessoa só" por isso minha dificuldade é dar conta de todas as tarefas que minha empresa exige, orçamentos, inbox, contabilidade, marketing, cuidar das redes sociais, responder dúvidas de clientes e alunos, trabalhar na arte digital e depois na produção.

É necessário muito investimento de tempo e dedicação, principalmente no início para fazer um negócio bem sucedido. Mesmo depois, não podemos acomodar nunca.

O Gráfico 9 apresenta a percepção das participantes com relação ao enfrentamento dos desafios. Os dados apontam que 74,3% conseguem lidar bem com os problemas, porém se sentem desgastadas. Chama atenção o fato de quase 6% das participantes dizerem que não conseguem lidar com os problemas.

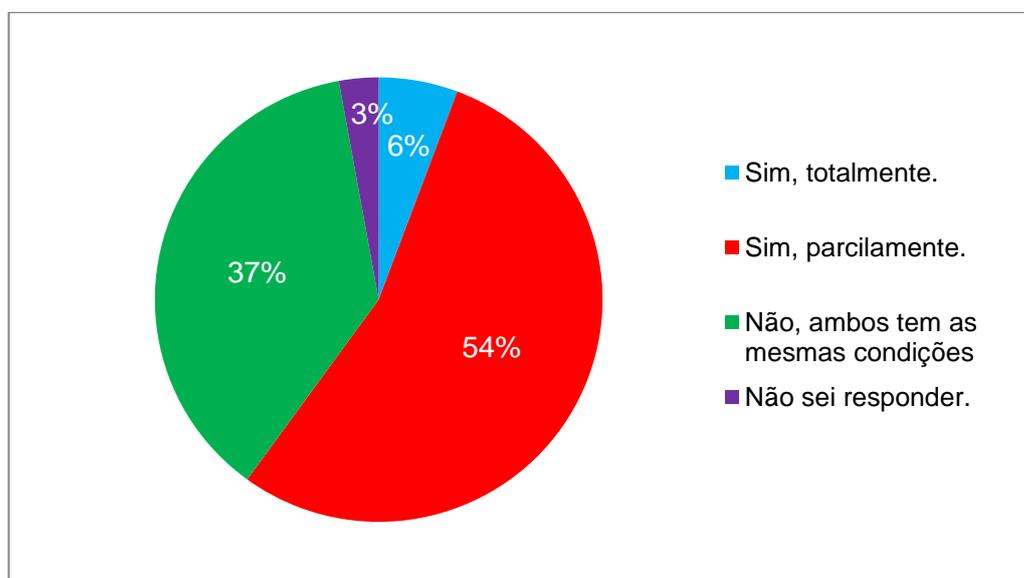
**Gráfico 9:** Como lida com os desafios



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A questão 11, representada no Gráfico 10, busca compreender a percepção das participantes com relação às vantagens dos homens perante às mulheres.

**Gráfico 10:** Os homens têm mais vantagens?



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Conforme podemos observar, 60% das empreendedoras sentem que os homens têm mais vantagens no empreendedorismo. Destas, 54% acham que essa vantagem se dá de maneira parcial e 6% acham que a vantagem é total.

A última questão se trata de uma questão livre onde as participantes podiam fazer algum comentário sobre a inequidade (injustiça, parcialidade) de gêneros (masculino/feminino) no empreendedorismo. Abaixo estão algumas dessas respostas.

A mulher sempre precisa provar que sabe, que tem capacidade e conhecimento, está quase sempre sofrendo julgamentos, o que torna o processo de empreender bem mais desgastante, além de todas as dificuldades inerentes.

Na minha percepção o homem empreendedor tem mais estímulo e ajuda, principalmente por parte da família, pois para muitos a mulher deve ter como prioridade questões ligadas ao lar e aos filhos e posteriormente pensar em outras coisas, já para os homens esse pensamento é quase que inverso, ou seja, primeiro devem pensar no seu trabalho (negócio). Ainda hoje é um tabu a mulher "deixar" seus afazeres naturais para buscar uma independência, ainda mais se ela for dona do seu negócio. Não vivo isso com meu marido, mas ouço muito quanto a essas questões de pessoas até mesmo da família.

Acredito que isso, infelizmente seja uma realidade em todas as áreas e não apenas no empreendedorismo.

Alguns fornecedores / vendedores tem um olhar machista e preconceituoso ao realizar negociações com mulheres. A gestão dos colaboradores muitas vezes se torna difícil pelo mesmo motivo.

Dependendo da área de atuação existe sim diferenças apenas pelo gênero, o que é uma situação muito retrógrada e injusta, porém enraizada na sociedade.

Trabalhamos tanto como eles ou até mais, porque temos que continuar nosso trabalho em casa! Mas não somos reconhecidas por isso!

Muitos fornecedores acham que por sermos mulheres somos mais fáceis de "enrolar" e muitas vezes querem nos passar a perna.

Trabalho no ramo de Doces que visualmente tem uma porcentagem maior de mulheres, mas vejo muitas competindo entre si, quando poderiam estar se ajudando e fortalecendo. Além da pressão de uma sociedade culturalmente machista que presume que nós mulheres seremos impecáveis no quesito "cozinha" ainda temos que lidar com competições entre si. Nos outros meios vejo que mulheres sempre tem mais dificuldades de serem independentes e mais ainda empreendedoras, por conta dessa pressão machista que vem de fora ou muitas vezes até mesmo de familiares e pessoas próximas. Principalmente quando o ramo que ela escolhe não está dentro dos "padrões".

Pelo contrário, no meu ramo, nós mulheres somos muito mais sucedidas que os homens!

As questões 11 e 12 sugerem que o empreendedorismo feminino ainda é permeado de desafios no que se refere às oportunidades para as mulheres em relação aos homens. A pesquisa também mostrou que, em alguns setores, as mulheres acabam tendo mais oportunidades, mas são setores geralmente relacionados à cosméticas e alimentos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O perfil das empreendedoras de São Carlos-SP é similar ao do GEM (2012) nos aspectos: tempo de empreendedorismo, a faixa etária, estado civil e a quantidade de filhos. Com relação a empreender por necessidade, pode-se observar que elas não empreendem por necessidade e a maioria empreende por vontade de sucesso. Podemos notar que o perfil delas não há predominância em conflitos trabalho/família. Porém, há desgastes em relação a múltiplos papéis, evidenciando a importância de apoio emocional.

Esta questão do desgaste é bem interessante pois mostra também uma falta de oportunidades para as mulheres. Ou seja, embora elas sejam plenamente capazes de serem bem sucedidas e empoderadas, como se pode observar em muitos casos de sucesso no Brasil, o esforço que elas têm que fazer pra isso é maior que o esforço que os homens precisam fazer. Isto fica evidente também nas respostas que elas deram às questões 11 e 12.

Neste sentido, observa-se, também, que essas mulheres sentem que possuem menos vantagens que os homens no empreendedorismo. Esta percepção vai ao encontro de muitos estudos encontrados na literatura brasileira e mundial. Estes estudos ilustram o “teto de vidro” que existe no progresso das mulheres e que ainda é muito evidente.

É evidente que existem outras questões envolvidas que são inerentes às dificuldades encontradas por todos os empreendedores brasileiros, não apenas as mulheres, como, por exemplo, a questão dos recursos financeiros. No entanto, para além dos problemas comuns que as mulheres enfrentam, também precisam lidar com os problemas de uma sociedade onde o machismo é estrutural e as oportunidades são limitadas.

Diante disso, a hipótese levantada no início desta pesquisa foi confirmada. Ou seja, é possível ser mãe e, paralelamente, lidar com sua vida pessoal, sua família e seu negócio, porém, o esforço que a mulher terá que fazer para isso é muito maior.

Este trabalho cumpriu com seu objetivo e tem o propósito de contribuir com o debate acadêmico acerca das desigualdades entre homens e mulheres e dos desafios enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho, em especial a conciliação do trabalho com os afazeres domésticos e a família, principalmente os filhos. ´

## REFERÊNCIAS

AMORIM, R. O.; BATISTA, L. E. Empreendedorismo Feminino: Razão do empreendimento. **Núcleo de Pesquisa da FINAN**, 2012.

BARTOLOMÉ, F.; EVANS, P. A. L. O sucesso precisa custar tanto? **Harvard Business Review**. Rio de Janeiro: Campus, 2001, p.36-62.

COSTA, F. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**. v. 3 n. 6 (2018): Dossiê - Temas em Terapia Cognitivo-Comportamental

GEM, **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Executivo. 2010 Disponível em: <[https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/livro\\_gem\\_2010.pdf](https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/livro_gem_2010.pdf)>. Acesso em: 19 mai. 2020.

GEM. **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Executivo. 2012. Disponível em:<<https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/gem%20relat%C3%B3rio%20executivo%202012.pdf>>. Acesso em : 19 mai. 2020.

GOMES, A. et al. Mulheres empreendedoras: desafios e competências. **Técnica administrativa**, ISSN-e 1666-1680, Vol. 4, Nº. 24, 2005

GOMES, A. F. O perfil empreendedor de mulheres que conduzem seu próprio negócio: um estudo na cidade de Vitória da Conquista. **Revista Alcance**. Itajaí, v. 11, n. 2, p. 207-226, maio/ago. 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Demografia das Empresas e Estatísticas de Empreendedorismo**. Estudos e Pesquisas. Informação Econômica, n. 33. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Mensal de Emprego. **Evolução do emprego com carteira de trabalho assinada**. 2003-2012. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:nbs3O6nYMYJ:ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Mensal\\_de\\_Emprego/Estudos/Evoluca](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:nbs3O6nYMYJ:ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/Estudos/Evoluca)>

o\_emprego\_carteira\_trabalho\_assinada.pdf+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>.  
Acesso em: 19 mai. 2020.

LIMA, G. S. et al. **O teto de vidro das executivas brasileiras**. Revista Pretexto. Vol. 14, n. 4 - outubro/dezembro 2013.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. 5ª ed. S.P., Contexto, 2002.

Miles, M. B.; Huberman, A. M. **Qualitative data analysis**: An expanded sourcebook (2ª ed). Thousand Oaks: Sage 1994.

MOREIRA, M. C. G.; MARQUES, M. A. B. **A violência entre parceiros íntimos: o difícil processo de ruptura**. 2005. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MOTA, C. et al. **Mulheres executivas brasileiras: o teto de vidro em questão**. Revista Administração em Diálogo - RAD, [S.l.], v. 16, n. 3, maio 2015. ISSN 2178-0080.

OLIVEIRA, P. G. et al. Empreendedorismo e gestão feminina: a atuação de mulheres empreendedoras em microempresas. **Revista FAE**, v. 13, n. 1 (2010).

PRONI, T. T. da R. W.; PRONI, M. W. Discriminação de gênero em grandes empresas no Brasil. **Rev. Estud. Fem.** v. 26, n. 1. Florianópolis, 2018

QUENTAL, C.; WETZEL, U. Equilíbrio trabalho-família e empreendedorismo: a experiência das mulheres brasileiras. In: **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, Salvador, BA, Brasil, 26, 2002

RODRIGUES, P. J; ET al. O trabalho feminino durante a revolução industrial. **Semana da mulher**. São Paulo, 2015. Disponível em: <[https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/o-trabalho-feminino\\_paulo-jorge-rodrigues.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/o-trabalho-feminino_paulo-jorge-rodrigues.pdf)>. Acesso em: 25 de mai.2020.

SALGADO, J.; JORGE, M. F. “Mãe empreendedora”:entre a promessa de uma subjetividade emergente e a frustração performática. **E-Compós**, 22(1)

SANTOS, C. M. M.; TANURE, B.; CARVALHO NETO, A. M. Mulheres executivas brasileiras: O teto de vidro em questão. **Revista Administração em Diálogo**, v. 16, n. 3, p. 56-75, 2014.

SCHLICKMANN, E.; PIZARRO, D. A evolução da mulher no trabalho: uma abordagem sob a ótica da liderança. **Revista Borges**, ISSN 2179-4308, VOL. 03, N. 01

SEBRAE. **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Especial. 2019 Disponível em:< [https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019\\_v5.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019_v5.pdf)>. Acesso em: 25 de mai. 2020.

SILVA.J. V. A. A Relação trabalho e família de mulheres empreendedoras. **Perspectivas Contemporâneas**, 2006. Disponível em:< revista2.grupointegrado.br> Acesso em: 25 de mai. 2020.

SOUZA, D. I. et al. **Manual de orientações para projetos de pesquisa**. Novo Hamburgo: FESLSVC, 2013.

STROBINO, M. R. de C.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Rev. Adm. (São Paulo)**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 59-76, Mar/2014.

TEIXEIRA. R. M.; BOMFIM L. C. S. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de caso múltiplos em agências de viagens. **Rev. Bras. Pesq. Tur.** vol.10 no.1 São Paulo Jan./Apr. 2016

VAZ, C. de F. m; LAIMER, R. T. A inserção da mulher no mercado de trabalho e o surgimento da profissão secretária. **Secretariado Executivo em Revist@**. Vol.6 N. 6, 2010.